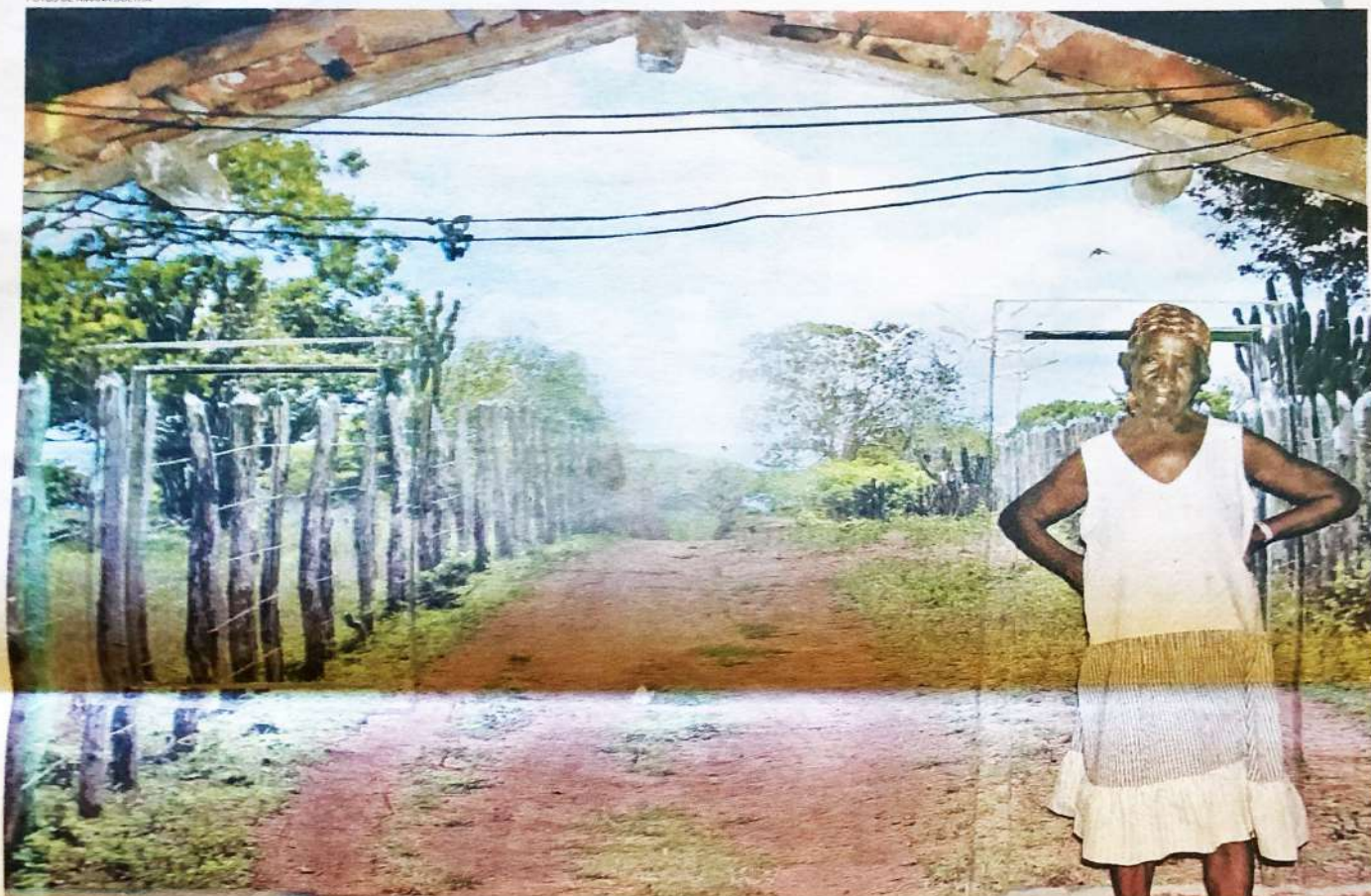


Mais

PAISAGENS QUE MUDAM

Fotografias em tamanho real instaladas por artista visual em fachadas de casas no povoado de Morrinhos, município de Feira de Santana, mudam a paisagem e a autoestima da população. Confusão virou rotina entre moradores

FOTOS DE AMANA DULCEIRA



Não, dona Maria Luisa não está numa estrada de chão. Está na frente de sua casa em Morrinhos, Feira. Mais especificamente, na frente da porta – que até ela tem dificuldade de ver

FEIRA DE SANTANA INTERVENÇÃO

Parede que se abre

Artista encanta povoado de Feira decorando casas com paisagens

Thais Borges

thais.borges@redebahia.com.br

Ao sair de casa pela manhã, a lavradora Maria Luisa Lopes, 84 anos, deu uma olhada na fachada de casa. Há um mês, a visão era familiar: paredes brancas e janelas verdes. No fim da tarde, quando voltou, o susto. No lugar da casa estava uma estrada de terra, rodeada por grama e por uma cerca de arame farpado.

Estava na rua errada? Não. Todos os vizinhos pareciam estar no mesmo lugar – a Rua das Flores, no povoado de Morrinhos, a cerca de 40 quilômetros de Feira de Santana. Avistou o telhado e viu que o imóvel não tinha desaparecido. Mas... Cadê a porta?

É verdade que a estrada, a grama e a cerca são comuns em Morrinhos. Só que, nesse caso, não passava da fachada da casa onde mora desde que nasceu, com uma pitada de ilusão de ótica.

Quem olha rápido – e até quem olha atentamente – pode não perceber que ali existe uma fotografia adesiva, impressa em tamanho real e colada no que antes era a parede branca. A intervenção faz parte de um trabalho da artista visual Maristela Ribeiro, professora do Instituto Federal da Bahia (Ifba). Há um ano, ela começou um projeto que pretendia mostrar a realidade de Morrinhos aos seus próprios moradores e ao mundo.

Após oferecer oficinas de arte e fotografia à população, Maristela partiu para a última fase do projeto, que começou em dezembro e se estendeu até março. “Não encontrei nenhuma imagem da comunidade, que existe desde 1940. Imagi-



Morrinhos: cerca de 90 casas, 400 moradores e muito esquecimento

nei trazer a paisagem regional e usar as casas como telhado”, afirma Maristela, que usa o projeto na pesquisa no doutorado em Artes na Universidade Federal da Bahia (Ufba).

METÁFORA Apesar de chamar atenção dos quase 400 moradores e também dos fo-

rasteiros, a casa de dona Luisa não é a única: as paisagens de Morrinhos foram transportadas para outras nove das cerca de 90 residências do local.

“Meu objetivo era que as casas desaparecessem. Para mim, era uma metáfora sobre o esquecimento do local, sobre como essas pessoas são deixa-

das de lado e se tornam invisíveis”. Lá, a maioria dos moradores vive em casas de taipa, sem saneamento básico. A principal fonte de renda, além da agricultura familiar, é o Bolsa Família, segundo a pesquisadora.

Pois, o objetivo foi alcançado. A casa de Luisa, assim como as outras, sumiu. “Eu demorei para achar a porta, na primeira vez”, lembra. Por sorte, viu o poste que fica quase ao lado da casa. “Agora, olho o poste! A porta fica perto dele”. Até os vizinhos estranhavam. “Perguntavam: cadê a casa de Luisa? Agora, todo mundo está encantado”, orgulha-se.

CONFUSÃO A reação de dona Doralice Lopes, de 88 anos, foi parecida. Seis dias atrás, ela não fazia ideia de que sua casa tinha se transformado em uma cerca que separa a estrada de terra de um rebanho de cabras.



INTERVENÇÃO TEM EXPOSIÇÃO NO MAC DE FEIRA

No início do mês, a artista visual Maristela Ribeiro lançou o livro *Casas do Sertão*, sobre o projeto de Morrinhos. O trabalho foi patrocinado por um edital do Banco do Nordeste, no valor de R\$ 100 mil. Desde o dia 10, uma exposição está em cartaz no Museu de Arte Contemporânea (MAC) de Feira de Santana. Gratuito, a mostra fica em cartaz até o dia 5 de maio.

NA REDE

Conferência sobre governança da internet começa com críticas à espionagem dos EUA >> pág. 48

TRABALHO

Pesquisa mostra que a informalidade ainda é alta entre as empregadas domésticas >> pág. 52

FOTOS DE AMANDA DULTRA



José Boaventura, o seu Nonô, é só sorriso após a mudança nas casas: 'Todo mundo amou'



Artista Maristela Ribeiro (calça), em frente à casa de dona Doralice (laranja): metáfora

População reclama que abastecimento de água foi interrompido há 15 dias

Castigados pela seca, os moradores de Morrinhos têm se virado sem água há 15 dias. Para completar, a maioria das casas também não tem saneamento básico. "A gente vai buscar água num tanque duas, três vezes por dia", conta o lavrador André Batista, 76 anos. O tanque fica a cerca de dois quilômetros do povoado, no terreno que faz parte de uma fazenda da região. Todos os dias, eles caminham até lá com carros de mão e baldes na cabeça. "O tanque é fundo, quase do tamanho do poste, quando está cheio. Mas quem alimenta é a chuva e não está chegando nem nas pernas", diz,

apesar de não saber dizer há quanto tempo não chove. A água que resta se mistura com a lama do fundo do poço. "Como se não bastasse, a gente disputa com animais que bebem a água. É cavalo, cachorro, porco...", afirma o lavrador Ivonaldo Barbosa, 30. Procurada pelo CORREIO, a assessoria da prefeitura de Feira de Santana não deu um posicionamento oficial até o fechamento desta edição, às 20h. Já a assessoria da Embasa, responsável pelo fornecimento de água, não confirmou a informação, devido à paralisação administrativa de 24 horas do órgão, ontem.



Sem água há 15 dias, moradores de Morrinhos são obrigados a carregar baldes e galões

“Meu objetivo era que as casas desaparecessem. Era uma metáfora sobre o esquecimento do local

Maristela Ribeiro, artista visual responsável pela mudança nas casas

“Eu demorei pra achar a porta a primeira vez, mas agora eu olho o poste! A porta fica perto dele

Maria Luisa Lopes, lavradora, que mora na casa 'da estrada', na página ao lado

Nos últimos quatro meses, o filho, o lavrador José Boaventura, 68, esteve sozinho na casa de três quartos — ela descansava na casa de outra filha, em Salvador, depois de uma cirurgia “nas vistas”. Quando chegou, não reconheceu a residência onde sempre morou. “Perguntei: cadê minha casa, gente? Achei que tinha sumido! Quando sai, minha casa era branca. Voltei e estava verde!”, comenta, deslumbrada. Ela nunca tinha visto uma foto em tamanho real. Agora, sentada em um banco de madeira sem recosto, dona Doralice também vê a Rua das Rosas, embora a tal rua não fique ali. O que ela vê, na verdade, é a fachada de outra casa que reproduz a via do povoado.

“Eunasci, mecriei e perdi os dentes em Morrinhos, mas nunca tinha visto uma coisa tão bonita!”. Acostumado a ouvir promessas de políticos que não se concretizam, o filho dela, seu Nonô, achou que

o mesmo fosse acontecer com a nova casa. “A gente pensava que não ia sair nada. Quando ela (Maristela) chegou e jogou o papel, foi que a gente viu. Todo mundo amou”.

ATRAÇÃO Das dez casas, seis ficam na praça central da comunidade — que também concentra a maior parte da vida do povoado. Quase de frente para a igreja, a cachorra Pintada corre em direção às garças que sobrevoam os mandacarus. Contudo, só a cadela está realmente ali. Garças e mandaca-

rus estão representados na casa da lavradora Joana Lopes, 52.

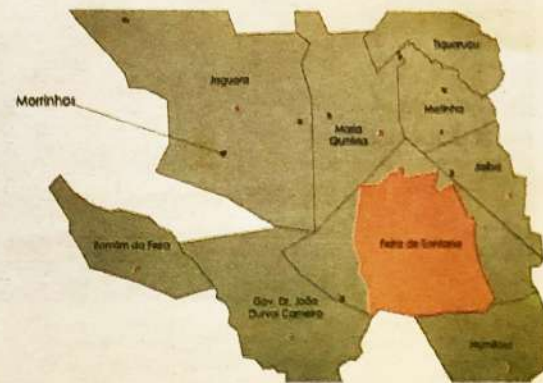
“O povo vem filmar, gravar, tirar foto. Eu fico até preocupada, do jeito que as coisas estão hoje, né?”, dizia, enquanto um grupo de crianças parava em frente à casa para admirar a paisagem. “Ver a casa assim é bom demais. Pena que a gente ainda não tem condições para reformar dentro, né?”, lamentou, mostrando a parede lateral do imóvel, construída com adubo de barro.

Hoje, Maristela é reconhecida por onde passa, em Morrinhos. Não é política, nem popstar. Mas, lá, é quase uma celebridade. “No início, eles tinham desconfiança, mas são muito hospitaleiros. Perceberam que seria uma troca, porque eles têm uma estética própria”. E se depender dos moradores, essa estética vai ficar exposta por muito tempo, como garantiu dona Doralice: “Não deixo tirar. Só o tempo pode levar embora”, avisa.

* POVOADO ENCANTADO

10

CASAS tiveram suas fachadas decoradas com as fotografias da zona rural do município



NO DISTRITO DE JAGUARÁ Povoado tem cerca de 400 moradores em 90 casas

Localizado no distrito de Jaguará, em Feira de Santana, o povoado de Morrinhos tem quase 400 habitantes, que vivem em cerca de 90 casas. Para chegar até lá, é preciso seguir pela BR-116 e pela Estrada do Feijão. Apesar de os primeiros moradores terem

chegado em 1890, o número de casas só aumentou em 1975, segundo o lavrador André Batista, 76 anos, popularmente chamado de “memória viva” da comunidade. “Só tinha seis casas. Depois, as famílias começaram a chegar e abrir as ruas”.